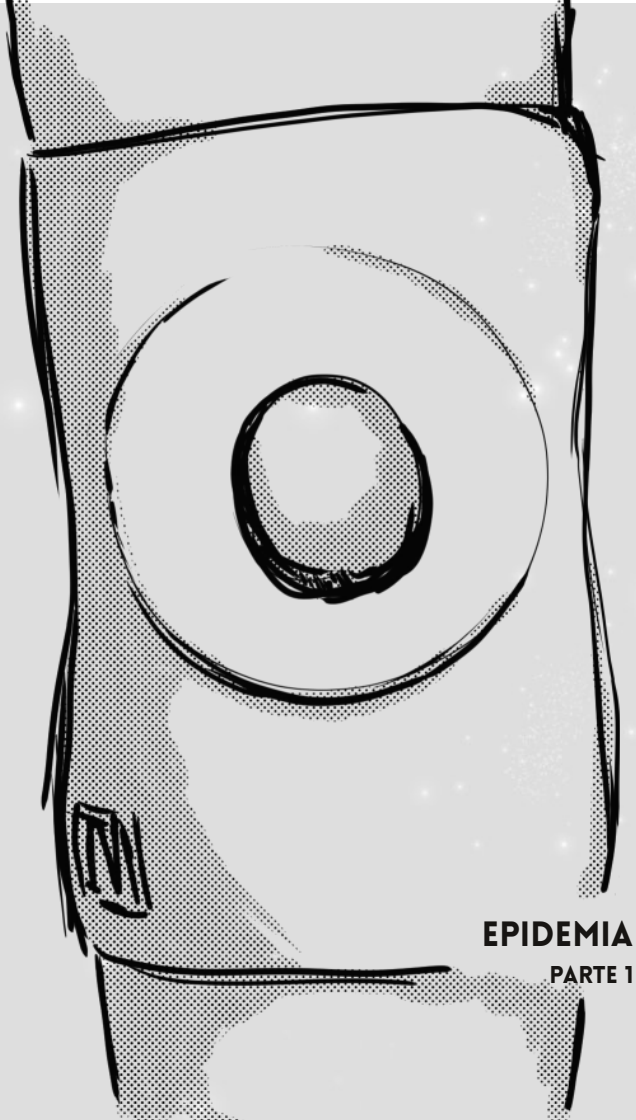
RABISCOLOGIA

RABISCOLOGIA #10

Como começam os surtos empáticos

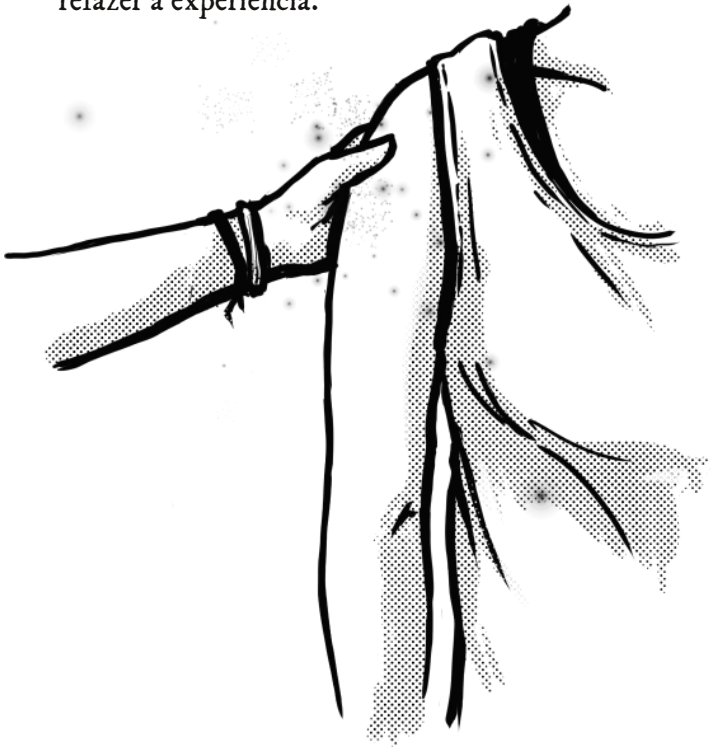


EPIDEMIA

PARTE 1

Começou como uma brincadeira. Foi que no meio da trilha começou a me doer um pouco o joelho, e Jorge estendeu assim a mão, me tomou o ombro e disse que deixa ver. Não sei se me concentrei na dor, como se ela fosse mesmo algo que se pode transmitir pelo tato e eu lhe estivesse dizendo que dói assim, ó. Ele tirou a mão num repente e a sacudiu feito houvesse metido os dedos no fogo; com uma careta de dor disse aos outros que cacete, dói é muito.

Aí todos quiseram sentir também: essa brincadeira de moleque que é provar comida ruim e dar ao outro para comprovar o terrível do gosto. Maria foi a única que deu de ombros e resmungou que homem é mesmo muito frouxo. Deles ninguém acreditou que eu conseguia terminar a trilha, mas claro que eu terminei, caminhando meio de lado, cada passo uma agulhada, fazendo o possível para não dobrar a perna. De volta à cidade teve um que quis saber se a dor estava pior ou melhor mas dessa vez bastou a reação dele para todos desistirem de refazer a experiência.



No dia seguinte pareceu um sonho esquisito. Talvez porque não falamos mais nisso pelo resto da noite, na pizzaria. Ou porque eu houvesse tomado cerveja demais. Meu joelho ainda doía, e ri sozinha durante o café da manhã, ao pensar na possibilidade de uma dor transmitida. Seria prático no consultório médico, e quem sabe resolveria questões de falta de empatia por parte dos doutores mais rabugentos, aborrecidos com um salário de funcionário público.

Segui ao trabalho mas — enfim, cidade pequena, turística, você pode imaginar como é — a gente encontra os amigos pela rua, ou um deles aparece na porta do escritório no meio da manhã para perguntar como estava meu joelho.

— Quer sentir? — perguntei, sem pensar, e em seguida percebi o absurdo da formulação.

Quis completar com desculpa, mas é que tive um sonho muito estranho essa noite. Ele — era Jorge, o primeiro a inventar aquele jogo — perdeu um pouco a cor. Ficou cinza.

E o céu que eu via pela janela, tão azul. Jorge ficou quase da cor do céu. Era segunda-feira bonita demais para estar sentada atrás dum trabalho burocrático.

— Tudo bem?

— Tive um deja vu, acho.

— Eu também. Tive um sonho maluco.

Ele seguia apoiado no batente da porta, ainda

os pés na rua, nem dentro nem fora. O escritório de contabilidade era miúdo e a gente trabalhava assim, de porta aberta, olhando a vida passar lá fora, inventando pausa para conversar com quem encostasse na janela. Do silêncio que seguiu ficou só o ruído constante dos dedos de minha colega, na mesa ao lado, deslizando pelo teclado do computador.

— Você perdeu um pouco a cor.

— Que sonho foi esse?

— Não sei direito. Alguma coisa com o meu joelho, a trilha. Foi aquela sua brincadeira, ontem.

— Acho que não foi sonho, Anita.

Também minha colega se interessou, parou de digitar. Jorge sacudiu a cabeça e disse que tinha que correr na lotérica para pagar umas contas da pousada em que trabalhava. Sorriu, meio sem jeito, e sumiu pela calçada. Ficou o olhar inquisidor da mulher ao meu lado, e a única resposta possível foi esse dar de ombros, sabe como é, piada interna, meus amigos são todos doidos.

Se pudessem mesmo sentir essa dor no joelho, de quem era a habilidade? Habilidade minha, de transmitir uma sensação física. Ou uma capacidade sensível da parte deles? Que brincadeira idiota. Antes de sair do escritório, despedi-me com um abraço em minha colega, e não senti nada diferente. Ela havia reclamado de uma dor de cabeça. Esse sol, ela resmungou.

Mais tarde Maria apareceu no portão de casa. Perguntou do meu joelho.

— Ainda dói — respondi.

— Imagino. Uma dor daquelas não passa assim de um dia para o outro. Você devia pôr gelo.

(Uma dor daquelas.)

Devo ter feito uma cara engraçada: Maria riu. Passou pelo portão e entrou em casa.

— Acho que Jorge pensa que conseguiu mesmo sentir essa dor. Que foi que ele fumou ontem?

Maria sentou no sofá e estendeu a mão. Demorei a entender que era para que a segurasse. Ela fez escapar uma careta de dor e fechou os olhos. Disse que eu movesse um pouco o tornozelo. Senti então uma dor nova. Dor muscular, de quando a gente fica tempo demais sem fazer exercício e resolve num dia fazer trilha de vinte e cinco quilômetros.

— Eu falei que estava fora de forma — ela riu,

soltando a mão e me encarando com os olhos bem abertos.

Movi outra vez o tornozelo. Nenhuma dor.

— Como você fez isso?

— Achei que era você.

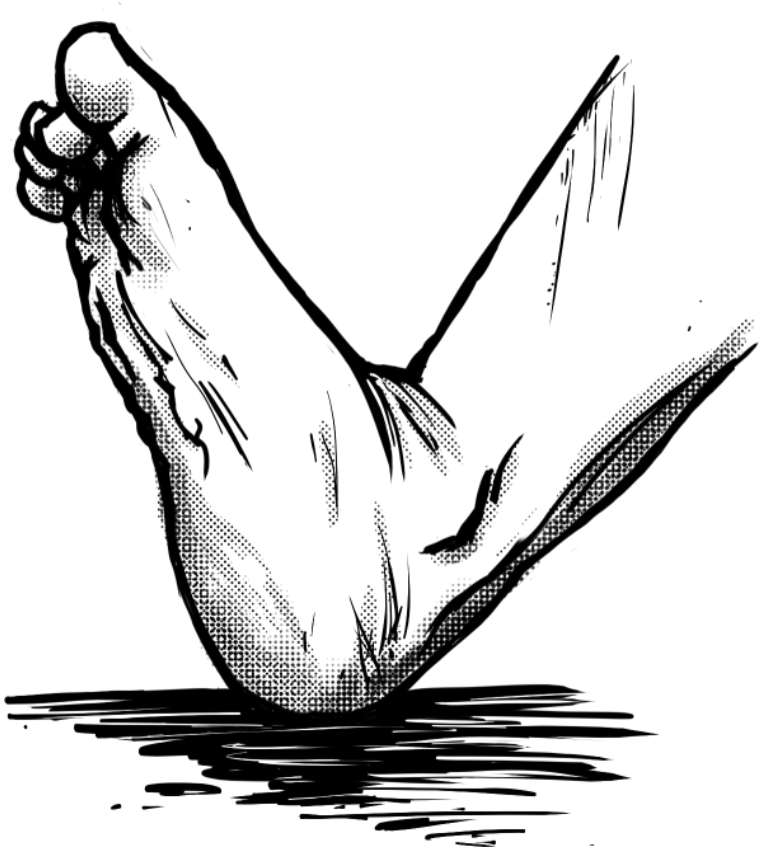
— Eu não fiz nada.

— Você devia pôr gelo no seu joelho. Parece que está inflamado.

— Como você sabe? Não está inchado.

Esses silêncios. Maria não era da cidade: tinha já alguns anos morando ali, atraída pela tranquilidade da cidadezinha turística, cachoeiras, natureza. Era dessas que juntam as palmas das mãos e dizem gratidão em vez de obrigada, costuram as próprias roupas, ganham a vida deus sabe como fazendo massagens, vendendo comida vegana e brincos de penas, reciclando calça jeans. A ela pareceria talvez muito lógico que eu pudesse transmitir dores aos outros ou mesmo sentir a dor alheia, fosse pelo mero toque, um pouco de concentração.

— Jorge que inventou esse negócio. Você se impressiona fácil, Maria.



Começou assim: uma brincadeira num domingo de trilha quando já começava a escurecer e estávamos todos cansados e com fome. Vê: eu morava sozinha, tinha um cão e dois gatos. A gente sempre abraça quem encontra na rua, ou encosta sem querer na mão da moça do caixa do mercado quando vai receber o troco. Mas é só um instante, e não dá tempo de deixar acontecer esses eventos improváveis.

O que percebi primeiro foi que os postos de saúde pareciam mais cheios, ao longo das semanas seguintes. E que fiquei uns dias sem ver Jorge, mesmo quando passava em frente da pousada nos horários em que ele costumava estar cuidando do jardim.

Maria não insistiu — porque também duvidasse ou lhe parecesse tão claro e óbvio e certo. Foi Luana, minha colega do escritório, duas ou três semanas depois, que tomou de repente meu braço e fechou os olhos. Veio-me a pontada no lado esquerdo da cabeça, uma dor na nuca, um mal-estar. A sensação toda desapareceu em seguida, quando ela me soltou; nos olhos, quase um pedido de socorro.

— Não aguento mais essa dor de cabeça. Não tem remédio que faça passar.

Fosse assim normal compartilhar a dor — a dor, justo ela. A gente aprende a reagir à dor quando é criança e os pais se assustam quando caímos no chão. Aprendemos? Sabemos a dor do outro porque já sentimos dor semelhante, porque nos vemos ali como quem vê no espelho a própria careta de desconforto.

Ou — é o que parece? Se alguém diz dói aqui não existe forma de comprovar — assim, cientificamente? Um exame pode mostrar inflamação, um osso quebrado.

Se fosse fratura você saberia — como eu mesma já havia dito. A dor de um osso quebrado: dor que se reconhece mesmo que nunca antes.

A dor?

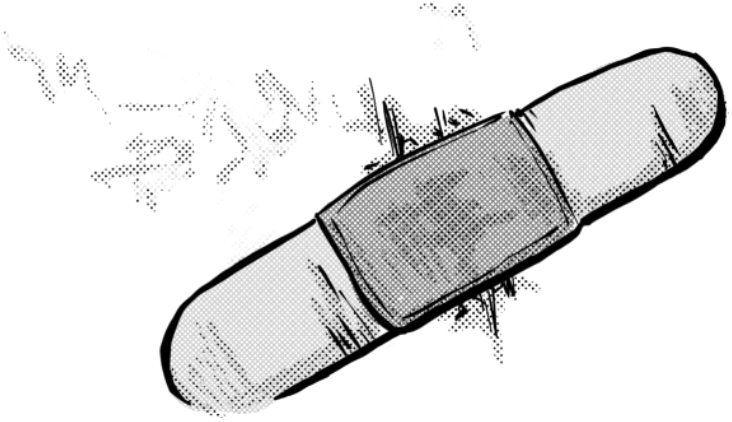
(Justo ela.)

Ou aprendemos a dor pela ausência? Quem pode conhecer a alegria se nunca um pouco de tristeza?

Meu joelho já não doía. Gelo, repouso, a mesma ladainha de sempre, como já estava acostumada desde meus treze anos quando senti pela primeira vez essa dor pontiaguda na lateral da rótula. Sentia eram as dores comuns de quem trabalha sentada, em frente ao computador. As ocasionais dores de cabeça quando os hormônios se agitavam.

Que se pode dizer e enfim inventar adjetivos que descrevam aquilo que mais ninguém seria capaz de compreender, se não pela linguagem: dor aguda, dor latejante, dor pulsante; dor insuportável?

Mas também a alegria, a tristeza, o amor, a felicidade — essas palavras vazias que a gente repete tanto, todo tempo.



Assim começou. Sem espanto, sem desconfiança, sem aviso. Como começam as epidemias.

... CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO.

RABISCOLOGIA
EDIÇÃO #10
AGOSTO DE 2018

TEXTO E ILUSTRAÇÕES POR OLIVIA MAIA.
DOR NO JOELHO POR CONTA DAS PERSONAGENS.

OLIVIAMAIA.NET
OLIVIA@OLIVIAMAIA.NET

APOIA.SE/RABISCOLOGIA